

As Obras do Espelho: mutualidade, comunicação silenciosa e identificações cruzadas

Artigo | Apresentado em mesa-redonda sobre Mutualidade no XVII Encontro Latino-Americano sobre o pensamento de Winnicott.

Roberto B. Graña

Psicanalista. Membro Titular da IPA.

Doutor em Letras pela UFRGS.

Resumo: O autor concede especial atenção aos conceitos de mutualidade, comunicação silenciosa e identificações cruzadas com o propósito de articular os três fenômenos, realçando a sua interdependência, enquanto constitutivos das relações de confiança e alteridade nos primeiros meses de vida. Embora a noção de mutualidade não seja parte das contribuições winnicottianas, mas as anteceda, o fato de havê-la descrito desde diferentes perspectivas e em conjunção com dois conceitos criados por ele, permitiu a Winnicott descrever as sutilezas semióticas da relação mãe-bebê e a forma silenciosa através da qual as permutas interativas irão possibilitar a tessitura da subjetividade primária do infans num tempo em que o discurso e as palavras ainda não constituem o instrumento principal.

Palavras-chave: Comunicação. Empatia. Espelho. Identificação. Individualização. Mutualidade.

Mutualidade não é exatamente um conceito winnicottiano. Já em 1939, Alice Balint apontava sua vigência na obra de Ferenczi, autor que tão profunda e especialmente influenciou o desenvolvimento teórico-clínico de Winnicott, conforme demonstramos em publicação recente. Alice Balint comparou o tipo de satisfação conjuntamente obtida por mãe e bebê na sua relação com a dos amantes no intercuro sexual. Disse textualmente que “a relação entre a mãe e a criança é construída sobre a interdependência de metas sexuais instintivas” e lembrou que o “que Ferenczi dizia de homem e mulher no coito mantinha-se verdadeiro para a relação mãe-bebê. Ele propunha que no coito não se coloca a questão de egoísmo ou altruísmo, há somente mutualidade, i.e., o que é bom para

um é certo para o outro” (1965, p. 101). A utilização do conceito por Winnicott, em um artigo de 1969, “A experiência de mutualidade mãe-bebê”, é posterior também à sua descrição e ao seu emprego no volumoso estudo de Bettelheim sobre a psicogênese dos estados autísticos da criança, *A Fortaleza Vazia*, de 1987. Na verdade, Winnicott não o utilizaria nem antes nem depois do artigo referido, recorrendo comumente a noções como adaptação, empatia, interdependência, espelhamento, comunicação silenciosa e identificações cruzadas para referir-se à reciprocidade ou à complementaridade na interação mãe-bebê.

Como Winnicott costumava, porém, apropriar-se criativamente de conceitos que encontrava úteis para o desenvolvimento de suas próprias ideias – ou seja, alterava-lhes ligeiramente o significado a fim de ajustá-los à sua teorização, ou de melhor *usá-los*, no sentido atribuído a esse termo em seu último grande ensaio teórico, “O uso de objetos e a relação através de identificações”, de 1988 –, é conveniente que possamos comparar e contrastar sua utilização formal por Bettelheim com o seu uso eventual por Winnicott que, de outra parte, empregou-o incidentalmente num contexto em que igualmente lhe serviriam alguns dos conceitos anteriormente nomeados.

Bettelheim refere-se a Winnicott em diferentes momentos de seu livro, mas mais especificamente em um capítulo intitulado “Onde começa o eu”. A descrição que Bettelheim faz do bebê humano é reiteradamente a de um ser essencialmente ativo. Ele critica a tendência da psicanálise “a encarar a primeira infância como uma época de passividade, como uma idade de narcisismo primário, em que experimentamos o eu como sendo tudo”, pois “assim a psicanálise cria seu próprio mito da idade dourada do lactente, quando todos os seus desejos estão a cargo dos outros e ele não pretende nem necessita fazer algo por si próprio” (p. 17).

Conforme Bettelheim, nós tendemos a ver o bebê como indefeso e frágil e isso nos leva a julgar que ele é, por isso, também passivo. Mas embora esse ponto de vista pareça ser objetivamente correto, ele é mais provavelmente uma fantasia que construímos acerca da vida íntima do bebê e não esclarece nada acerca da experiência subjetiva e psicológica do bebê no mundo humano.

Opondo-se a essas formas qualificadas de “projetivas” de descrição do ser do bebê, escreve Bettelheim, fundamentando-se nos dados de uma observação pretendidamente mais atenta:

Contrariando tais pontos de vista, acredito, por exemplo, que durante a amamentação o bebê é eminentemente ativo com relação ao que, em sua vida, significa um acontecimento central. Nesse momento é possível que não sinta que está movendo montanhas, mas que as suga até a última gota. Considerar tal experiência como anaclítica como profundamente passiva contraria a experiência do lactente. Pois, para ele, não é sua dependência real que conta, mas a convicção de que seus esforços são monumentais (1987, p.17).

É comum observarmos o bebê fatigado e satisfeito após esse esforço certamente ativo, o que, aliado à serenidade produzida pela ausência da tensão pulsional, costuma conduzi-lo ao sono rapidamente. É a plenitude paradisíaca que nunca deixamos de assegurar e, às vezes, até mesmo de invejar ao bebê; o estar desfrutando agora daquilo que fantasiámos ter vivido um dia e do que, ao crescer, fomos privados definitivamente. Opondo-se à concepção da atividade do bebê na amamentação como consistindo essencialmente em uma busca de satisfações orais – autoconservativas e libidinais – e atentando sutilmente para o que Winnicott denomina “continuidade do ser do bebê no tempo”, Bettelheim descreve a amamentação como:

[...] uma experiência complexa, em que a verdadeira sucção e ingestão de alimento não passam de uma parte muito significativa; há outros aspectos dela que também têm importância. Se o bebê é segurado com suavidade ou com rigidez; com segurança ou com ansiedade; se é cuidadosamente escutado ou emocionalmente ignorado – tudo isso e muito mais fá-lo-á sentir-se confortável ou desconfortável no momento e irão influenciar seu desenvolvimento posterior (1987, p.19).

Aquilo que, efetivamente, constitui a experiência de mutualidade, para Bettelheim, é, sobretudo, o fato de que as necessidades físicas e narcísicas de mãe e bebê sejam coincidentes, complementares e produzam satisfação recíproca, o que faz do aleitamento “uma experiência emocional na qual a ação combinada, envolvendo duas pessoas em razão de seus interesses pessoais respectivos, leva à supressão da tensão e à satisfação emocional de ambos”. E exemplificando a mutualidade a partir da ocor-

rência de ações combinadas, no contexto da experiência da alimentação, escreve Bettelheim:

Para que a amamentação seja plenamente satisfatória, a criança deverá sentir fome, e a mãe, desejar aliviar o intumescimento do seio provocado pelo acúmulo de leite. Sendo assim, tanto a sucção do bebê como a amamentação da mãe agirão no sentido de aliviar uma tensão física e também satisfazer uma necessidade emocional. Esse processo de mutualidade é muito superior à ação comum para um objetivo externo e contém tudo o que é essencial para uma relação verdadeiramente íntima e pessoal. Pois é principalmente nas relações pessoais que tanto a realização externa como a satisfação interior resultam de uma ação combinada (1987, p. 22).

Esta parece ser, portanto, a expressão central na descrição da mutualidade em Bettelheim – como já era em Ferenczi – que ela implique sempre uma *ação combinada*. Ele destaca que, quando a atividade do bebê é permitida e encorajada, seus movimentos expressivos constituem formas de comunicação que evidenciam a aprovação da atitude materna e estimulam a mãe, aumentando a confiança dela em si mesma e no cuidado que é capaz de prover a seu bebê. De outra parte, quando a mãe contraria o esforço do filho para fazer as coisas sozinho, a mutualidade fica bloqueada e a atividade do bebê é inibida. Esta inibição pode não se restringir a uma ação específica, mas implicar uma restrição mais geral da atividade do bebê no mundo. Em seus extremos, tal inibição pode implicar, inclusive, segundo Bettelheim, a desistência da criança de agir autonomamente e de afirmar o seu eu perante o mundo, podendo conduzi-la, por fim, a um recolhimento autístico. Para ele, a falha da mutualidade pode ser fatal.

Bettelheim ilustra a oportunidade para o aparecimento espontâneo da relação mutual entre o bebê e a mãe, e o risco de que a mutualidade seja desencorajada, com a descrição de uma cena a que talvez parte de nós – especialmente pais e mães – já tenha assistido:

Por exemplo, numa fase posterior da infância, a criança poderá tentar agarrar a colher com que a mãe a alimenta, e experimentar a firmeza – talvez até suave – com que ela lhe afasta as mãos a fim de evitar que a comida espirre ou que a refeição se prolongue demais. A criança não só será frustrada na tentativa de agir por sua própria iniciativa, mas

também no esforço para tentar converter a alimentação num processo mútuo. E se, além disso, a mãe limpar cuidadosamente sua boca após cada colherada – embora o faça com suavidade –, a criança registra de novo que ela reprova a maneira como come (1987, p.24).

Ou seja, a não coincidência das necessidades, interesses ou preconceitos da mãe com as necessidades narcísicas e movimentos autônomos da criança rompe a experiência de mutualidade e conduz ao afastamento ou à falsificação da experiência intersubjetiva, com a possível constituição de um *self* inautêntico que, como mostrou Winnicott, se constrói com base na complacência e ocasiona a desvitalização do *self* original.

Embora se refira algumas vezes a Winnicott, como dissemos, e especificamente ao seu reconhecimento da importância de a mãe satisfazer as necessidades iniciais do bebê, adaptando-se vivamente a ele (*alive adaptation*), Bettelheim dirige-lhe uma crítica, a nosso ver pouco fundamentada, a qual parece atender mais a uma necessidade sua de ser original do que, bem menos provável, de derivar-se de um conhecimento insuficiente da obra de Winnicott.

Após citar uma passagem do artigo clássico de Winnicott sobre os objetos e fenômenos transicionais, na qual enfatiza a necessidade de uma adaptação inicial quase completa da mãe para que sustente o ser e a ilusão do bebê no tempo, assegurando, assim, que este possa, posteriormente, tolerar a frustração decorrente da desnarcização introduzida pelo *negative care*¹, Bettelheim acrescenta:

A despeito do exposto anteriormente, julgo que Winnicott encara o lactente como muito passivo nesse processo de adaptação. É verdade que grande parte da adaptação deverá partir da mãe; a princípio, quase toda deverá partir dela. Mas também o bebê é ativo desde o início e desde o início se adapta. A questão nesse caso é mãe e filho se adaptarem de formas radicalmente distintas. A mãe adapta-se ao filho, e o ideal é sua adaptação culminar na satisfação das necessidades de ambos. Por outro lado, o lactente adapta-se apenas a seus próprios fins, apenas pelos mais limitados meios e sem qualquer consideração

¹ O retorno da mãe à relação com outros objetos, lugares e atividades que voltam a ser importantes para ela, como o marido, os amigos, o trabalho, o cuidado consigo, etc., com a consequente introdução de frustrações dosadas na experiência de plenitude inicial do bebê.

pelas necessidades da mãe. Quanto ao resto, Winnicott está correto: o crescimento ocorre porque também o bebê começa lentamente a adaptar-se à mãe (1987, p.30).

Poder-se-ia postular que Bettelheim, que cita apenas um texto de Winnicott ao longo do seu volumoso estudo, não deu a devida atenção ou não significou adequadamente a afirmação de Winnicott sobre o paradoxo da criatividade primária. Winnicott diz que “o seio é criado pelo bebê repetidas vezes, por sua capacidade de amar (pode-se dizer) ou por sua necessidade [...] A mãe coloca o seio real exatamente ali onde o bebê está pronto para criá-lo, e no momento certo” (1992, p. 11). Não se trata, pois, de adaptação do bebê a nada, mas de pura criatividade, de imanência. Está igualmente errado dizer que o bebê adapta-se a seus próprios fins, utilizando-se de meios limitados e sem consideração pelas necessidades da mãe. O bebê não se adapta a seus próprios fins, ele os cria, inventa-os, pontualmente. Ele não se utiliza também de meios limitados, ele ilusiona, e a capacidade de ilusionar, de iludir-se, com a cumplicidade materna, é o meio privilegiado de que usufrui em tal situação. O bebê, da mesma forma, não desconsidera as necessidades da mãe. Eles simplesmente são tudo o que há; constituem um “Uno” circunstancial denominado por Winnicott de “unidade-dual”. Nas palavras do próprio Winnicott, nessa situação “não há intercâmbio entre a mãe e o bebê. Psicologicamente, o bebê toma de um seio que faz parte dele, e a mãe dá leite a um bebê que é parte dela mesma” (1992, p. 12).

Pretender, portanto, atribuir atividade ou passividade como característica de uma ou de outra parte é obliterar o detalhe de que não há aqui duas partes, há o ser, apenas, o ser em situação. A propósito da relação ilusional e do objeto transicional, é conveniente, portanto, como sugere Winnicott, que nunca se formule a pergunta sobre seu lugar de origem, se provém do interior ou do exterior. Tais noções são efetivamente preconceitos do observador, intuições sensíveis e categorias topológicas que não possuem sentido algum na experiência original do bebê. A espetacularização de uma atitude ativa ou passiva, na mãe ou no bebê, evidenciará mais frequentemente uma perturbação dessa relação. Se ela se desenvolve suficientemente bem, a sinergia interacional será sua mais evidente qualidade estética, sendo supérfluo ou difícil apontarmos quem está sendo ali mais ou menos ativo ou quem esta realizando um esforço maior de adaptação.

Logo veremos, entretanto, que Winnicott e Bettelheim mais convergem do que divergem com relação à importância da mutualidade na construção das primeiras pontes do bebê com a nossa *rerum natura*, a realidade compartilhada pelos humanos. Winnicott apontou exaustivamente o efeito desastroso para o bebê se um *gesto espontâneo* seu não fosse pontualmente correspondido pelo ambiente. O risco de que esse gesto caísse no vazio, e de que o próximo gesto perdesse parte importante da sua vitalidade original, e de que o que o sucedesse fosse ainda mais tímido, denotaria um processo de mortificação do *self* criativo e espontâneo, dando lugar a um *self* reativo, este sim adaptativo, que se ocuparia de sobreviver na eventualidade de o ajuste ao padrão da mãe – seja ele obsessivo ou caótico – ser a única possibilidade de sobrevivência psíquica para o bebê nesses tempos difíceis.

Winnicott (1969) inicia seu artigo sobre a mutualidade apontando o fato de que a investigação psicanalítica demorou muito tempo para lançar luz sobre esta área obscura da “experiência viva”, porque esteve por muitas décadas às voltas com explicações que remetiam sempre ao complexo de Édipo e às fases libidinais e se apropriavam das perturbações do desenvolvimento de crianças que chegaram a ser pessoas totais, *selves* integrados ou *in-divíduos* propriamente ditos. Nas palavras de Winnicott, “o psicanalista esteve sempre travando uma batalha em favor do indivíduo, contra aqueles que atribuíam os problemas à influência ambiental” (1969, p. 251); entretanto, com a necessidade de investigar o desenvolvimento emocional inicial, denominado pré-edípico ou pré-genital, “gradualmente o inevitável aconteceu e os psicanalistas, levando consigo sua crença exclusiva na importância dos detalhes, tiveram de começar a examinar a dependência, isto é, os estágios iniciais do desenvolvimento da criança humana, quando a dependência é tão grande que o comportamento daqueles *que representam o meio ambiente não podia mais ser ignorado*” (1969, p. 251).

Winnicott refere-se, sobretudo, ao que denomina de “dependência absoluta”, que é a condição inicial do bebê tão logo seja introduzido no mundo humano. O bebê é, desde o início, o que os fenomenólogos denominam um *mit-sein*, um ser-com. E o ambiente possui no início tamanha importância por ser parte do próprio bebê. O filhote humano não pode ser considerado unicamente a partir do potencial genético-hereditário

que traz consigo. “Ele é um fenômeno complexo que inclui o seu potencial *mais* o seu ambiente” (p. 252). O *ambiente médio esperado* ou *ambiente facilitador* implica, naturalmente, uma mãe que, por se encontrar num estado psíquico regredido, ao qual Winnicott denomina *preocupação materna primária*, é capaz de estar sensível e atenta a sinais que comunicam as necessidades biológicas e narcísicas de seu bebê, e atende-as na forma e no tempo certos, evitando que ele seja traumatizado por eventuais descompassos ou mal-entendidos na comunicação – basicamente semiótica – que originariam a ausência de mutualidade.

Como Bettelheim, Winnicott está atento à sutileza e à complexidade da experiência da amamentação, e mais do que à mera ingestão de leite e satisfação das necessidades físicas do bebê, ele dirige a atenção para a comunicação silenciosa (*silent communication*) que acompanha ou não a experiência alimentar. Ele diz que “o que precisamos saber mais é sobre a comunicação que ocorre ou não ocorre juntamente com o processo alimentar”, apontando a troca de olhares que ocorre entre o bebê e a mãe desde as semanas iniciais como extremamente importante: “É difícil estar seguro dessas questões pelo instrumento da observação de bebês, embora se possa ver que alguns bebês olham o rosto da mãe de uma forma significativa mesmo nas primeiras semanas. Com 12 semanas, entretanto, os bebês podem dar-nos informações a partir das quais nós podemos mais do que supor que a comunicação é um fato” (1969, p. 255).

Enfatizando especialmente a troca de olhares entre bebê e mãe desde o início, o mirar-se do bebê nesse primeiro espelho que é o rosto da mãe – e poder-se-ia dizer, como acerca da primeira mamada hipotética, que o primeiro espelhamento é uma soma de muitos espelhamentos, uma síntese ativa e passiva da experiência de olhar e ser olhado –, Winnicott descreve uma cena com a qual ilustra a experiência de mutualidade e que é também referida e utilizada por Bettelheim com essa mesma finalidade. Vejamos o exemplo relatado por Winnicott:

Embora os bebês normais variem consideravelmente em seu ritmo de desenvolvimento (especialmente quando medido através de fenômenos observáveis), pode-se dizer que com doze semanas eles são capazes de brincar assim: instalado para mamar, o bebê olha para o rosto da mãe e a

sua mão se levanta, de maneira que, de brinquedo, ele está amamentando a mãe por meio de um dedo que coloca na sua boca (1969, p. 255).²

Winnicott considera que, embora todos os bebês sejam alimentados por suas mães, a comunicação entre a mãe e o bebê só acontece efetivamente a partir do desenvolvimento de uma situação de alimentação mútua. Se isto só é claramente observável a partir da 12.^a semana, é possível que ocorra, porém, de uma forma mais obscura, bem antes disso. Winnicott entende essa troca de gestos que ocorre paralelamente – e logo independentemente – à satisfação pulsional como um brinquedo, uma experiência de mutualidade que é resultante das identificações cruzadas, as quais constituem uma importante conquista desenvolvimental por demarcarem o começo da individuação. São gestos espontâneos intercambiados, que partem do verdadeiro *self* do bebê, diria Winnicott.

Bettelheim recorrerá a essa mesma cena, utilizando um relato de Spitz – que se referiu à mutualidade como a “troca circular de ação carregada de afeto entre mãe e filho” – para ilustrar a mutualidade com uma descrição semelhante à de Winnicott. Conforme Spitz (apud BETTELHEIM, 1987):

Usa o exemplo de “uma mãe introduzindo o bico da mamadeira na boca de seu bebê de sete meses de idade. Este corresponde colocando o dedo na boca da mãe; ela responde roçando os dedos do filho com os lábios, após o que ele brinca com os dedos e ela responde com um sorriso; nesse lapso de tempo, ele olha fixamente para o rosto dela com profunda atenção” (p. 22).

² Marie-Christine Laznik refere-se a esses movimentos compartilhados entre bebê e mãe como denotativos do terceiro tempo pulsional oral. Num primeiro tempo, o bebê suga o seio e ingere o leite para satisfazer uma urgência biológica. No segundo tempo, ocorre a erotização deste ato, e o bebê suga o seio ou os dedos ou outro objeto, extraindo disso um prazer sensual; é o começo do autoerotismo infantil. O terceiro tempo mostra o uso erótico do corpo pelo bebê para a promoção do gozo do Outro. É aqui que a mutualidade se espetaculiza. O bebê se deleita agora com o prazer que é capaz de produzir. Ele estenderá um dedo do pé, ou da mão, em direção à boca da mãe, e ela fingirá que o engole, ou que o morde, ou abanará o nariz com se ele cheirasse mal, em meio às gargalhadas de ambos, insistindo o bebê em repetir o movimento buscando obter o mesmo efeito. Agora é o bebê que se faz sugar e morder. Ele se oferece, então, como objeto do gozo da mãe, que o erotiza. A não ocorrência do terceiro tempo pulsional pode ser um indicador de risco de desenvolvimento autístico do bebê, segundo Laznik, o que reitera a afirmação de Bettelheim de que a falha na mutualidade pode ser fatal (Cf. LAZNIK, M-C. PréAut: une recherche et une clinique du très précoce. In: *Contraste – Enfance et Handicap. Revue de L'ANECAMSP*, n.º 25, 2006).

Para Winnicott, na experiência de mutualidade, o bebê exercita o seu potencial herdado e suas tendências inatas para o desenvolvimento, e a mãe, pela situação psíquica especial em que se encontra, adapta-se às necessidades do bebê, tornando real aquilo que ele está pronto para criar.

O que o bebê está pronto para criar, diz-nos Winnicott, é o objeto satisficente das suas necessidades – sempre físicas e narcísicas, sempre biológicas e psicológicas –, mas esse objeto que o bebê cria não é tanto objeto como é um meio, no sentido winnicottiano, e, se quisermos, deleuziano; não é propriamente um objeto, não é uma representação de objeto, não é um outro efetivamente, é um objeto subjetivo, o *mesmo* marcado pela *diferença*, uma *quase* alucinação, que corresponde a uma adaptação *quase* completa da mãe (a mãe *suficientemente* boa), um eu introjetivo, de acordo com o conceito original de introjeção de Ferenczi, que se verte sobre um mundo que não o precede e que é o que ele cria no próprio ato de verter-se, um *fluxo*, se quisermos, novamente sintônicos com a perspectiva de Deleuze.

No segundo exemplo que apresenta em seu artigo sobre a mutualidade, Winnicott refere-se a um menino de seis anos que, em uma consulta terapêutica, ter-lhe-ia comunicado algo sobre os estados de ausência (sono) de sua mãe ao segurá-lo no início do segundo ano de vida. A mãe era uma mulher depressiva e tendia a adormecer com frequência, o que implicava fracassos repetidos do filho em estabelecer comunicação com ela nesses momentos de retraimento. O fato de Winnicott ter conseguido desatar este nó, em uma única conversa com o menino, permitiu um trabalho terapêutico continuado, por parte deste, que liberou o curso do seu desenvolvimento de forma decisiva.

O terceiro exemplo apresentado por Winnicott trata de perturbações re-manescentes da perda da mutualidade na infância inicial em uma mulher de meia-idade, comunicado por suas demandas frequentes de contato físico com o analista, com quem tentava reviver e resolver essa situação pendente. Em uma sessão particularmente difícil, Winnicott precisou conter fisicamente essa paciente, num estado regredido, e acabou com a cabeça dela em suas mãos:

Sem uma ação deliberada por parte de algum de nós, desenvolveu-se um ritmo de balanceio. O ritmo era bastante rápido, cerca de 70 bpm,

e eu tive algum trabalho para adaptar-me a esta frequência. Entretanto, ali estávamos nós com a *mutualidade* expressa em termos de um leve, mas persistente, movimento de balançar. Nós estávamos nos comunicando um com o outro sem palavras. Isto estava tendo lugar em um nível do desenvolvimento que não requeria que a paciente tivesse mais maturidade do que aquela que possuía na regressão à dependência daquela fase de sua análise (1969, p. 258).

A comunicação sem palavras, ou silenciosa, é a predominante nos estágios iniciais da vida emocional do bebê e é perfeitamente compatível com tudo o que Winnicott escreveu desde os anos quarenta, a partir de “A observação de bebês em uma situação determinada” (1941), mas o conceito de comunicação silenciosa é introduzido por Winnicott somente na década de sessenta, em seu belo ensaio “Comunicar e não-comunicar levando ao estudo de certos opostos” (1963) – sendo desenvolvido principalmente em dois importantes escritos da maturidade: “O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento da criança” (1967) e “A comunicação entre o bebê e a mãe e entre a mãe e o bebê, comparada e contrastada” (1988).

A forte influência da fenomenologia sobre a atitude teórico-clínica de Winnicott levou-o a conceder uma importância maior a noções como *vivência* e *empatia* e a significar diferentemente de outros autores o *silêncio* no desenvolvimento pessoal e na experiência da análise – isso, segundo Lacan, entre outros autores, é de absoluta inutilidade para o analista.

Com o silêncio, a vivência e a empatia, o analista lacaniano nada poderia fazer, porque tais estados introspectivos se encerrariam no real ou no imaginário. Mas o imaginário passível de ser analisado, para Lacan, é apenas o que está mediado pelo discurso e, portanto, emoldurado pelo simbólico. Quando Lacan propõe que o sujeito se constitui a partir do desejo do Outro, que seu desejo é o desejo do Outro, ele se refere a um desejo que se anuncia por significantes verbais, principalmente; são estes que estruturarão o inconsciente do sujeito como uma linguagem. Portanto, a menos que estejamos de acordo com Dolto, para quem “tudo é linguagem”, e isto incluirá tudo o que é de natureza tônica, fisionômica, gestual, icônica, ou seja, tudo o que é de ordem semiológica, deveremos situar Winnicott como um antípoda de Lacan.

Nosso esforço continuado para colocar em cotejo essas duas obras e em diálogo os dois autores tem por condição que concedamos uma atenção especial à fase fenomenológica³ de Lacan. Digamos os primeiros vinte anos, os quais compreendem toda a reflexão que se apoia nas noções de espelhamento, intersubjetividade, conhecimento paranoico, corpo despedaçado e agressividade. O Lacan estruturalista, estrito senso, o da primazia do significante e da intervenção sobre o discurso, é não só de difícil aproximação teórica com Winnicott, mas também com os filósofos pós-estruturalistas como Deleuze e Derrida.

Em um breve escrito de três páginas, também do final da década de sessenta, “A influência do desenvolvimento emocional sobre os problemas de alimentação” (1967) Winnicott explicita uma posição que o coloca em franca oposição a Lacan num momento em que as relações entre os dois estavam estremecidas, devido ao não comparecimento de Winnicott à jornada sobre as psicoses infantis organizada por Maud Mannoni com o apoio de Lacan. Nesse escrito, Winnicott dizia que “se uma mãe procura um livro ou uma pessoa em busca de esclarecimento e tenta aprender o que ela tem de fazer, nós já nos perguntamos se ela é indicada para a tarefa. Ela tem de saber isso em um nível mais profundo e não necessariamente naquela parte da mente que tem palavras para tudo. *As coisas mais importantes que uma mãe faz com o bebê não podem ser feitas através de palavras*” (p. 41, grifo nosso).

Para Winnicott, a comunicação que ocorre em estágios primitivos do desenvolvimento ou em estados regredidos durante a análise assume a forma da comunicação silenciosa, e “essa comunicação só se torna ruidosa quando fracassa” (p. 41). A comunicação inicial é, pois, silente ou traumática; se silenciosa, indica a presença da confiabilidade e é uma forma de comunicação que denota que o bebê está sendo protegido de eventuais perturbações e invasões ambientais pela ação da empatia materna e pelos cuidados que a mãe assume com o narcisismo do bebê, i.e., com a sustentação empática e contínua do ser do bebê no mundo e no tempo. A *einfühlung* (empatia), conceito tão necessário a Husserl, Heidegger e

³ Após a minha apresentação no Primeiro Encontro Internacional Winnicott-Lacan, realizado em Londres no mês de maio de 2008, Marie-Christine Lasnik disse-me que, por falta de referência melhor, costumava designar esta fase, até então, como a do “Lacan gestáltico”.

Merleau-Ponty, não poderia ser descartada de forma ligeira pelo discurso estruturalista com a utilização de um argumento que não deixa de assemelhar-se ao behaviorista: o de que, por referir um fenômeno introspectivo, não pode ser verificado ou precisado com palavras – enfim, de que não é articulável, não está no simbólico. A perda da dimensão existencial no estruturalismo contribuiu para que a tentativa de afastar maximamente tudo o que fosse de ordem empírica acabasse por produzir um outro empirismo, a que podemos denominar de “empirismo do texto”, ou do discurso, que excluiu o prazer, a paixão, o amor, o ódio, as emoções em geral do campo da linguagem, introduzindo uma perigosa impessoalidade asséptica no campo da interação humana – limitada agora ao verbal – que, a partir de então, foi desvitalizada e desencarnada até que o gênio de um Barthes redescobrisse o “prazer do texto” e passasse a servir-se da obra de Winnicott com uma notável insistência nos seus escritos da maturidade.

A empatia materna e as ações combinadas de mãe e bebê constituem a forma mais verdadeira de aprendizagem da captação empática do outro. Só desenvolverá a empatia quem tiver sido empaticamente acolhido pelo outro em seu início. No espelhamento, na mutualidade e na identificação cruzada exercitamos a empatia que aprendemos com nossa mãe para nos colocarmos logo no lugar dela; não se trata aqui de uma relação pulsional, mas afetiva, terna – aquilo a que Winnicott se referiu como a “capacidade de calçar os sapatos do outro”. Os psicodramatistas apontariam aí o início do brincar de inverter papéis entre o bebê e a mãe. Lembremos que é também em meados do primeiro ano que o bebê começa a dar sinais, de forma silenciosa mas visível, de preocupação pela existência do outro e pelo cuidado que este lhe dispensa – o que Winnicott chamou de “estágio da consideração” (*stage of concern*). É também nessa época que observamos as primeiras reações de estranhamento descritas por Spitz, as quais nos informam sobre a existência de uma relação confiável com um “outro” que adquire importância afetiva diferenciada para o bebê: ele passa a distinguir o familiar e o não familiar. Reafirma-se, assim, a íntima relação existente entre empatia, mutualidade, comunicação silenciosa e identificações cruzadas na passagem da *relação de objeto* ao *uso de objeto*, conforme enfatizamos em outra oportunidade.

Em um trabalho recente, em que enfocamos a questão da especularidade em Winnicott e Lacan, debruçamo-nos sobre dois escritos dos anos sessenta: “Comunicar e não comunicar levando ao estudo de certos opostos” (1963) e “O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil” (1967); em qualquer deles se encontram os elementos teóricos necessários para compreender as ideias desenvolvidas no outro. No primeiro, Winnicott defende a tese de um “núcleo incomunicável do *self*”, de um *self* central, isolado e autêntico, que não se deixa conhecer e não se explicita nas relações, mas que está presente na *comunicação silenciosa* ou implícita. Segundo Winnicott: “Nas fases iniciais do desenvolvimento do ser humano, a comunicação silenciosa se relaciona com o aspecto subjetivo dos objetos. Isso se vincula, penso, ao conceito de realidade psíquica de Freud e do inconsciente que não pode nunca se tornar consciente” (1996, p. 185). A comunicação silenciosa liga-se, para Winnicott, à noção de narcisismo primário e a vivências primitivas, indizíveis, situadas no domínio do ser. No segundo escrito, Winnicott sustenta que o espelho humano, o rosto da mãe, age de forma silenciosa sobre o *self* do bebê, vivificando-o ao demonstrar o amor e a alegria dela por tê-lo, ou mortificando-o ao deixar transparecer a sua tristeza e indiferença; nesse caso, para Winnicott, ela não é um espelho. Ou seja, a mãe permanentemente comunica algo ao bebê, também de forma silenciosa, mesmo quando utiliza as palavras ou apenas lhe oferece o seio. Conforme Winnicott escreveu, porém, num artigo da mesma época sobre comunicação e amamentação, o seio foi posto exageradamente em evidência nos estudos psicanalíticos sobre a infância inicial. Na realidade, o “seio bom”, que se tornou parte do jargão, é uma metáfora que comunica acerca de uma parentalidade satisfatória e “enquanto evidência dos cuidados prestados ao bebê, podemos dizer, por exemplo, que o ato de segurá-lo e manipulá-lo é mais importante em termos vitais do que a experiência concreta da amamentação” (1988, p. 21).

No trabalho citado (GRAÑA, 2007), discordamos de Winnicott de que, no segundo caso referido, o da mãe deprimida, esta não seja igualmente considerada um espelho. Afirmamos que a mãe será sempre e inevitavelmente um espelho, amando, odiando ou sendo indiferente ao seu bebê. Disso advirão a consistência e a confiança do indivíduo no mundo humano, seu sentimento de ser querido e aceito pelos outros ou a sensação constante de que sua presença é irrelevante ou desagradável para as

outras pessoas⁴. Discordamos ainda de que o bebê, ao olhar para sua mãe, possa ver a si mesmo. Pela impossibilidade de qualquer “outro”, mesmo a mãe suficientemente boa, apreender direta e totalmente o ser do bebê – e por isso a adaptação é sempre incompleta, como diz Winnicott –, o máximo que ela pode devolver-lhe quando ele a olha é a realidade de seu amor por ele, o quanto se encanta, orgulha e maravilha por tê-lo em sua vida.

Veja-se que ocorre aí mais mutualidade do que espelhamento. Mãe e bebê realizam, de fato, uma “ação combinada”, que é recíproca, mas que é também complementar. A complementaridade é o apanágio da relação mutual e dá notícia da passagem do estado de fusão inicial ao inter-relacionamento através de identificações cruzadas. A identificação cruzada pode ser vista como condicionada/condicionante da mutualidade e é proposta por Winnicott no final da década de sessenta. O conceito adquire importância descritiva por sinalizar o momento em que o bebê está abandonando a sua condição de ser isolado e ilimitado e começando a situar o objeto no exterior do *self* – o que faz por meio da destruição imaginária daquele sempre que possa contar com a sua capacidade de sobreviver à destruição. Se a experiência de plenitude pode ser inicialmente vivenciada, o bebê estará melhor equipado para conviver doravante com a plenitude perdida. Como diz Winnicott, é a partir de uma sensação inicial de ser Deus que os humanos podem chegar a uma verdadeira aceitação de suas limitações, à humildade que é característica da individualidade madura (1988).

As identificações cruzadas evidenciam a possibilidade de uma comunicação com o uso de mecanismos projetivos e introjetivos. Se a mãe so-

⁴ De fato, o próprio Winnicott parece reconhecer esta possibilidade quando escreve em *Communicating and not communicating leading to a study of certain opposite* (1963): “Habitualmente a mãe de um lactente (*infant*) tem objetos internos vivos, e o lactente se ajusta ao preconceito da mãe sobre o que é uma criança viva. Normalmente a mãe não é deprimida ou depressiva. Em certos casos, entretanto, o objeto central interno da mãe está morto no período crítico da infância inicial da criança, e seu estado de ânimo é o da depressão. Aqui o lactente tem de se ajustar ao papel de objeto morto, ou então tem de ser muito vivaz para contrapor-se ao preconceito da mãe ligado à ideia de morte da criança. Aí o oposto da vivacidade do lactente é um fator *antivida* derivado da depressão da mãe. A tarefa do lactente, em tais casos, é estar vivo, parecer vivo e comunicar o estar vivo; de fato, este é o objetivo último de tal indivíduo, que tem a si negado o que pertence a lactentes mais afortunados: o desfrute daquilo que a vida e o viver proporcionam. Estar vivo é tudo. É uma constante luta para chegar ao ponto de partida e se manter ali” (p.192).

breviveu aos ataques imaginários que o bebê empreendeu na fantasia, ela começa a ser *usada* por ele, dando início a um novo tipo de relacionamento que tem por base um verdadeiro intercâmbio. No trabalho ao qual se dedica a exemplificar clinicamente os problemas técnicos encontrados na análise com pacientes nos quais os mecanismos projetivos e introjetivos não operam satisfatoriamente, em que sujeito e objeto ainda não se distinguiram, Winnicott insistirá na importância de o analista limitar-se a ser apenas um espelho. Ele afirma que “em tais casos, a principal esperança do terapeuta é ampliar o campo de ação do paciente com respeito às identificações cruzadas, e isso surge não tanto pelo trabalho de interpretação como através de certas experiências específicas que ocorrem nas sessões analíticas” (1989, p. 119). A ênfase aqui irá recair sobre o que pode ser autenticamente vivido, oportunamente pensado, eventualmente dito.

Nesta época, Winnicott estava preocupado em precisar o tempo e o lugar da “interpretação alterativa” na análise, a qual deveria situar-se sempre dentro da órbita de onipotência narcísica do indivíduo. Podemos então observar um progressivo minimalismo na sua forma de intervir, que em grande parte das vezes se limita a um movimento corporal ou a uma indagação breve ou à repetição de algo dito pelo paciente, no sentido de estimulá-lo a seguir em frente. Ele está especialmente atento ao fator tempo e particularmente temeroso com a violência da interpretação, a qual poderá transformar um movimento de libertação pessoal em uma prática doutrinária alienante. Especialmente com os pacientes que ainda não separaram interior e exterior, ele insiste em que “a interpretação tem mais a natureza de uma verbalização de experiências no presente imediato da experiência da consulta; e o conceito de interpretação como verbalização do consciente nascente não se aplica exatamente aqui” (1989, p. 120).

O processo pelo qual o objeto é separado do sujeito e o analista é colocado fora do controle onipotente do paciente pode ser bastante penoso, mas é apenas pela sua destruição (expulsão), à qual ele sobreviverá, que o analista se tornará real e possibilitará que o paciente sirva-se dele de uma nova maneira, *usando-o* e experimentando sentimentos verdadeiros, às vezes brutalmente verdadeiros, na relação com ele, ousando confiar que, se tornando ele agora uma realidade independente, efetivamente um “outro”, deverá e saberá cuidar-se, o que lhe é sugerido pela cres-

cente capacidade empática que acompanha a passagem a um relacionamento com base nas identificações cruzadas. Quando estas ocorrem, a zona de brinquedo em que mãe e bebê e paciente e analista interagem dissemina-se pelo mundo da vida (*lebenswelt*), evidenciando que a nossa existência, na maior parte do tempo, apoia-se numa expectativa de mutualidade e de resposta empática do meio/outro. Quando essa esperança se realiza, encontramos maior verdade naquilo que Winnicott, ciente da nossa condição monádica e do nosso isolamento essencial, afirmou serem os momentos nobres nos quais a vida parece justificar-se – única forma de transcendência subjetiva a que podemos almejar e à qual, utilizando a linguagem poética para indicar o ser, ele denominou “ilusão de contato”.

The Mirror's Works: mutuality, silent communication and crossed identifications

Abstract: The author grants special attention to the concepts OF mutuality, silent communication and crossed identifications with the purpose of articulating the three phenomena, enhancing their interdependence, while constituent of the trust relationships and otherness in the first months of life. Although the mutuality notion is not part of winnicottians contributions, but it precedes them, the fact of having described it from different perspectives and in conjunction with two concepts created by him allowed Winnicott to describe the semeiotic relationship mother-baby's subtleness and the silent form through which the interactive exchanges will make possible the weaving of the primary subjectivity of the *infans* during a time in which the speech and the words still don't constitute the main instrument.

Keywords: Communication. Empathy. Identification. Individuation. Mirror. Mutuality.

Las obras del espejo: mutualidad, comunicación silenciosa e identificaciones cruzadas

Resumen: El autor concede especial atención a los conceptos de mutualidad, comunicación silenciosa e identificaciones cruzadas con el propósito de articular los tres fenómenos, destacando su interdependencia, como constitutivos de las relaciones de confianza y alteridad en los primeros meses de vida. Pese a que la noción de mutualidad no sea parte de las contribuciones winnicottianas, las antecede, el hecho de haberla descrito desde diferentes perspectivas y en conjunción con dos conceptos criados por él, le permitió a Winnicott describir las sutilezas semióticas de la relación madre-bebé y la forma silenciosa a través de la cual las permutas interactivas van a posibilitar el tejido de la subjetividad primaria del *infans* en un

tiempo en el cual el discurso y las palabras todavía no constituyen el instrumento principal.

Palabras-clave: Comunicación. Empatía. Espejo. Identificación. Individuación. Mutualidad.

Referências

- BALINT, A. Mother for the Mother and Mother Love. In: _____. **Primary Love and Psycho-Analytic Technique**. London: Butler & Tanner, 1965.
- BETTELHEIM, B. **A Fortaleza Vazia**. São Paulo: Martins fontes, 1987.
- GRAÑA, R. Lacan com Winnicott: sobre espelhos, especularidade e subjetivação. **Psicanálise**: Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, v. 9, n. 2, 2007.
- WINNICOTT, D. W. Communicating and not Communicating Leading to a Study of Certain Opposite. In: _____. **The maturational Processes and the Facilitating Environment**. Madisson: IUP, 1996.
- _____. Interrelating Apart from Instinctual Drive and in Terms of Cross-Identifications. In: WINNICOTT, D. W. **Playing and Reality**. London: Routledge, 1989.
- _____. Mirror-Role of Mother and Family in Child Development. In: WINNICOTT, D. W. **Playing and Reality**. London: Routledge, 1989.
- _____. **Os Bebês e suas Mães**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- _____. The Mother-Infant Experience of Mutuality. In: WINNICOTT, D. W. **Psycho-Analytic Explorations**. Cambridge, Massachusetts: HUP, 1969.
- _____. The Theory of the Parent-Infant Relationship. In: WINNICOTT, D. W. **The Maturational Processes and the Facilitating Environment**. Madison/Connecticut: IUP, 1996.
- _____. The Use of an Object and the Relation Through Identifications. In: WINNICOTT, D. W. **Playing and Reality**. London: Routledge, 1989.
- _____. Transicional Object and Transicional Phenomena. In: WINNICOTT, D. W. **Trough Paediatrics to Psycho-Analysis**. New York: Bruner/Mazel, 1992 .

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA

Roberto B. Graña
Rua Prof. Annes Dias, 154/1201
90020-090 Porto Alegre – RS – Brasil
e-mail: rbgranha@cpovo.net